

DIVERSIDADE CULTURAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PERCEPÇÕES DE UMA PROFESSORA/PESQUISADORA.

Profa. Ms. Cristiane Pereira de Souza Francisco
Escola Estadual Antônio de Oliveira Bueno Filho- Araraquara/SP
Prof. Dr. Fernando Donizete Alves
Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação- UFSCar

RESUMO:

A presente pesquisa é um fragmento da dissertação de mestrado intitulada: O eu, o outro e o nós: um caminho para compreender a Diversidade na Educação Física Escolar na perspectiva das crianças. Apesar de a Diversidade Cultural transparecer nas relações sociais das crianças durante as aulas Educação Física, nenhuma daquelas que chamamos de vertentes emergem exclusivamente desta prática social, ocorrendo assim apenas às manifestações dessas, que são existentes na sociedade também neste contexto. Podem nos perguntar, mas se não emergem das aulas de Educação Física por que estudar a Diversidade Cultural neste contexto? Ousamos então retrucar a pergunta, dizendo e por que não estudar Diversidade Cultural neste contexto? Posto que a Educação Física seja um dos ‘braços’ que a Educação possui para atingir as crianças. Diríamos até mesmo que é a parte mais divertida da Educação dentro da escola, afinal as crianças saem da sala de aula, atingem objetivos por meio do brincar, jogar, dançar, lutar ou se expressar, longe de um local metódico, organizado com carteiras a homogeneizar a atenção a um único local, a lousa. E por que não utilizar as aulas de Educação Física? Devolvemos então a pergunta, deixando a justificativa para o não uso, para aqueles que ainda enxergam como um mero momento de lazer, de extravasar as energias das crianças, ou só se conhece pelo atuar dos professores ‘rola bola’, tendo a bola seu único material de trabalho e o ‘futebol’ como único conteúdo. Como não enxergamos o porquê não, é neste contexto que nos debruçamos a analisar a Diversidade Cultural e, sobre o qual apresentaremos nossas análises e interpretações. Iniciamos nossas discussões pelas pequenas sutilezas que escaparam de fazer parte das falas das crianças, mas não escaparam aos nossos olhos durante as observações das aulas de Educação Física que elas frequentaram. A pesquisa seguiu a abordagem qualitativa, com apoio na observação participante para coletar suas informações sendo desenvolvida no primeiro semestre de 2017, em uma escola estadual da cidade de Araraquara, na qual a pesquisadora é professora há 12 anos. Utilizamos como método para a construção das informações a observação – participante das aulas de Educação Física de crianças do primeiro ano com o registro em diário de campo. Os resultados demonstraram que a Diversidade Cultural para as crianças pequenas se expressa de um modo não tão explícito, estando nas sutilezas que o conviver cotidiano trás, sendo na questão da fila por ordem de tamanho, o alongamento e o aquecimento que parece não ter sentido e nas pequenas verbalizações que trazem átona a questão da obesidade. Concluímos que ao descrever tais situações corroboramos que ações que podem ser despercebidas em um contexto amplo com a Diversidade Cultural, são também demarcações de sua presença.

Palavras Chaves: Diversidade Cultural. Professora/pesquisadora. Ensino Fundamental.

Introdução

A presente pesquisa é um fragmento da dissertação de mestrado intitulada: O eu, o outro e o nós: um caminho para compreender a Diversidade na Educação Física Escolar na perspectiva das crianças.

Compreendemos nesta que a Educação Física Escolar se faz uma prática social, por isso, tem em si a capacidade de ser um contexto para a compreensão da Diversidade Cultural pelas representações das crianças sobre o tema.

Pesquisar com base nas práticas sociais tem por objetivo “compreender como e para que as pessoas se educam ao longo da vida, em situações não escolarizadas, assim como aprender a influência desses processos nas aprendizagens escolares” (OLIVEIRA et al., 2014, p.29).

Mediante a esses fatos, a Educação Física Escolar é compreendida por nós, como prática social, por ser capaz de produzir conhecimentos condizentes e tão importantes para as pessoas, quantos aqueles a que está exposta. Criando assim, a partir de suas vivências uma postura crítica com relação à realidade que lhe é imposta, visando desnaturalizar, refletir e por sua vez confrontar tal realidade. Construindo saberes a partir do conviver e dialogar em uma relação de participação horizontal.

Apesar de a Diversidade Cultural transparecer nas relações sociais das crianças durante as aulas Educação Física Escolar, nenhuma daquelas que chamamos de vertentes emergem exclusivamente desta prática social, ocorrendo assim apenas às manifestações dessas, que são existentes na sociedade também neste contexto. Podem nos perguntar, mas se não emergem das aulas de Educação Física por que estudar a Diversidade Cultural neste contexto? Ousamos então retrucar a pergunta, dizendo e por que não estudar Diversidade Cultural neste contexto? Posto que a Educação Física seja um dos ‘braços’ que a Educação possui para atingir as crianças. Diríamos até mesmo que é a parte mais divertida da Educação dentro da escola, afinal as crianças saem da sala de aula, atingem objetivos por meio do brincar, jogar, dançar, lutar ou se expressar, longe de um local metódico, organizado com carteiras a homogeneizar a atenção a um único local, a lousa. E por que não utilizar as aulas de Educação Física? Devolvemos então a pergunta, deixando a justificativa para o não uso, para aqueles que ainda enxergam como um mero momento de lazer, de extravasar as energias das crianças, ou

só se conhece pelo atuar dos professores ‘rola bola’, tendo a bola seu único material de trabalho e o ‘futebol’ como único conteúdo. Como não enxergamos o porquê não, é neste contexto que nos debruçamos a analisar a Diversidade Cultural e, sobre o qual apresentaremos nossas análises e interpretações.

Nosso objetivo com essa pesquisa foi o de compreender e investigar a Diversidade Cultural que rodeia o universo das crianças do 1º ano de ensino fundamental, durante as práticas e diálogos sobre a Educação Física Escolar.

Buscamos apoio na abordagem cultural, que tem por primazia a utilização de práticas que levem as crianças a refletir e entender o papel do ser humano na complexa sociedade em que vive, sendo assim, existe uma preocupação com a formação destas crianças baseada nas diferentes culturas que compõem as regiões, o que auxilia a explicar as diferenças existentes intergrupos e intragrupos.

Salientamos que na abordagem cultural pelo viés dos Estudos Culturais a conotação de cultura corporal, não é aquela que estamos comumente acostumados a ver os professores de Educação Física Escolar se referirem. Cultura corporal então se expressa como um conceito sem fixação, em contínua construção e reconstrução que tem nas relações de poder a veiculação de seu significado. Diante disto, contemplamos uma cultura corporal sem predefinições e com experiências cujos resultados são incertos, porém que contam com a participação efetiva de professores e alunos, de modo a analisar criticamente as práticas corporais que estão vivenciando (NEIRA; GRAMONELLI, 2017).

Caminhos metodológicos

A pesquisa seguiu a abordagem qualitativa, uma vez que estão envolvidos no seu decorrer a construção de informações através da descrição dos fatos e falas que são observadas no cotidiano da aula de Educação Física Escolar. Deste modo, os pesquisadores se inserem e passam a fazer parte deste processo, retratando o que se vê e ouve, sem juízos de valores, buscando sermos os mais fidedignos possíveis com a realidade (BODGAN; BIKLEN, 1994; MINAYO 1996).

Utilizamos como método para a construção das informações a observação participante das aulas de Educação Física de crianças do primeiro ano com o registro em diário de campo.

O local escolhido para a realização da pesquisa foi uma escola estadual localizada no município de Araraquara-SP, onde a pesquisa se desenvolveu durante o primeiro semestre de 2017.

Para a análise dos dados utilizamos à ótica da hermenêutica-dialética descrita por Minayo (1996). Segundo Minayo (1996), a análise hermenêutica- dialética tenta escapar de ser uma mera técnica metodológica, posto que possua flexibilidade para interpor recursos tanto da análise de conteúdo quanto da análise do discurso. Enquanto a hermenêutica na sua versão contemporânea engloba nas suas interpretações os escritos e as formas verbais e não verbais de comunicação, a dialética trás o pensamento crítico com base no aporte teórico utilizado durante a realização da pesquisa.

Discussão dos Resultados

Os resultados demonstraram que a Diversidade Cultural para as crianças pequenas se expressa de um modo não tão explícito, estando nas sutilezas que o conviver cotidiano trás.

A primeira questão observada é a utilização da fila, que vem a ser uma estratégia de organização adotada desde a Educação Infantil com os famosos trezinhos e permanecem nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Os alunos saíram da sala de aula na sequência de primeiro as meninas e depois os meninos.

O aluno João Pedro estava brigando com o Thiaguinho por posição na fila, chegando a um empurrar o outro.

Nicole:- Poxa/ Eu queria ser baixinha para ser a primeira da fila sempre.

Professora/pesquisadora: - Mas quando voltamos é por ordem de chegada.

Nicole:- Ah! Mas queria ser sempre a primeira.

(DIÁRIO DE CAMPO II - 16/03/2017).

Se as aulas seguissem uma abordagem cultural a questão da altura ou a separação por gênero não existiria, uma vez que as mesmas não se fazem presentes na vida social, apesar de haver filas em vários momentos do cotidiano, desde para se pegar um ônibus até ao irmos ao cinema, como forma de organização. Mas, as últimas descritas parecem mais justas do que a praticada durante as aulas de Educação Física, por não haver diferenciações devido a algum traço físico ou gênero, apenas pela referência de quem chegou primeiro.

Talvez uma aula na qual as crianças sejam colocadas diante do problema que vem a ser o se locomover de um lugar ao outro, sem causar problemas com a gestão (que tem por primazia a fila como caráter de organização e disciplina), seja uma possibilidade de respeitar a Diversidade Cultural dos alunos, sem a utilização de marcadores sociais da diferença como altura ou gênero. Com isso, nos aproximamos do que Neira e Nunes (2006) apontam como ser condizente com a abordagem cultural na Educação Física.

Não se trata de aprender a partir de elementos simples conhecidos, mas de produzir um novo conhecimento como resposta às indagações surgidas a partir de uma situação real complexa, recorrendo individual ou coletivamente a múltiplos procedimentos e ações (NEIRA; NUNES, 2006, p.242).

Pensando nesses procedimentos e ações encontramos a segunda questão que aparece dos conflitos advindos da prática do alongamento e do aquecimento durante as aulas de Educação Física, que não respeitam a Diversidade Cultural dessas crianças, ao querer padronizar seus movimentos. Nessa premissa o alongamento e o aquecimento são atividades impostas ainda com resquícios da visão biologista traduzida pela questão da saúde, que vemos presente não apenas nessa escola, mas em muitas quadras espalhadas pelo Brasil. Além disso, essa forma como vem a ser trabalhado o alongamento e o aquecimento, envolvem as crianças em uma prática corporal que para elas não fazem sentido, por não verem aplicabilidade destas, nas atividades posteriores. Assim, surgem as ‘gracinhas’ e desatenção que recebem punições por meio da chamada de atenção da professora.

Essa postura de aula desencadeia a produção de novos marcadores sociais da diferença, com adjetivações como indisciplinado, bagunceiro, mal educado, agitado, que comumente e infelizmente se houve nos corredores escolares ao se referirem as crianças que não seguem a homogeneidade esperada.

Justificamos a presença deste tipo prática pela professora em todas as aulas devido obrigações burocráticas advindas do professor coordenador da área de Educação Física da diretoria de Ensino de Araraquara, que orienta a realização e registro destas atividades nos diários de classe do professor. Em contrapartida a essa concepção Neira e Nunes (2006, p.240) apontam que,

[...] método sugerido para uma abordagem cultural da Educação Física não comporta, em sua rotina, os tradicionais elementos da pedagogia tecnicista: semanários ou cronogramas de aula. Isso decorre do fator improviso, e não de uma aula improvisada, nem mesmo do *laissez-*

faire. Em síntese, a proposta depende dos questionamentos e interesse surgidos a partir da problematização dos temas por parte dos alunos, dos professores ou da comunidade escolar.

Nessa direção, compreendemos que se o alongamento e o aquecimento vem a ser uma exigência, sua prática poderia ser melhor conduzida se os movimentos fossem construídos pelos próprios alunos com base em suas percepções de necessidade, ou mesmo de acordo com o que a atividade do dia lhes exigirá. Deste modo, os alunos poderiam compreender sua importância, por estar relacionada com o patrimônio da cultura corporal que esta à sua volta.

Prosseguimos elencando a terceira questão observada que vem a ser o fato da obesidade, que nos apareceu durante uma das aulas.

Fernanda veio dizer que o Hulk estava chorando. Fui em direção a ele e, ele disse que não era nada (mas estava com rosto vermelho e o olho com lágrimas) e repetiu dizendo que não era nada.

Falei ninguém chora sem motivo.

Perguntei o que havia ocorrido novamente para o Hulk e ele disse que o Thiaguinho ou Flash (na verdade falei um único nome, pois ambos possuem o mesmo nome real) havia pisado no pé dele e o chamou de gordo burro.

Perguntei qual, referindo - se a Thiaguinho e Flash. Ele disse que era Flash e apontou pra ele.

Chamei Flash e chamei a atenção dele falando que era feio ele ofender as pessoas chamando de burro, pois ninguém era burro, pois burro é um animal e ninguém ali era um animal. Quanto à questão sobre ser gordo, falei que não se deve ofender ninguém pelo peso que possui e disse: - Eu também sou gorda e qual o problema?

Miguel que estava perto disse: - Nenhum e professora ele também é gordinho, até mais do que o Hulk.

Então pedi para ele pedir desculpa, ele o fez, mas voltou para o seu lugar na fila rindo.

(DIÁRIO DE CAMPO X- 10/04/2017)

Aqui, a obesidade é representada no xingamento “gordo”, devido à estética da criança não condizer com um padrão de beleza vigente na sociedade atual. Neste caso, vemos que utilizar gordo como uma verbalização na intenção de ofensa e a sua utilização ocasionar os sentimento de inferioridade ao passo de gerar lágrimas em uma das crianças, vem a ser o não reconhecimento da diferença como identidade, mas sim o reconhecimento do idêntico e por consequência a exclusão daquilo que não é postulado como igualdade. Portanto, ser gordo é anormal e, xingar o outro de gordo o afasta daqueles que o são tidos como normais, o tornando por sua vez repulsivo.

Situações como essas deixam transparecer vertentes da Diversidade Cultural para além, do marcador social da diferença obesidade, deixa a mostra o preconceito, a discriminação, que podem levar a exclusão ou auto exclusão.

Apenas pedir desculpa como ocorreu no excerto que destacamos, não vem a ser uma solução, Mazzoni e Neira (2017), diz que o professor deve traçar um dialogo cultural, deste modo, poderá dialogar junto com seus alunos entre a ideologia da cultura dominante e a ideologia de outras culturas mostrando outras realidades e fortalecendo a questão de valorização da diferença. Acrescentamos ser possível em meio desses diálogos a desnaturalização dessa questão da identidade normal e do padrão de beleza, assim também estaremos falando de Diversidade Cultural.

Conclusão

Ao descrever tais situações corroboramos que ações que podem ser despercebidas em um contexto amplo como a Diversidade Cultural, são também demarcações de sua presença. Seja nas filas com a separação por gênero e tamanho; no alongamento e no aquecimento com os demarcadores sociais da diferença que intitulam as crianças como bagunceiros quando na verdade deveríamos nos questionar: Será que o alongamento é de fato tão importante? Seja ao se falar sobre a obesidade, deixando as crianças tecerem seus sentidos e compreensões sobre, para que ela deixe de ser um marcador social da diferença, ficando restrita a apenas um problema de saúde publica. São essas falas e ações que demonstrou qual era a Diversidade Cultural que rodeia o universo dessas crianças durante as práticas e conversas sobre as aulas de Educação Física Escolar.

Referências Bibliográficas

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

MAZZONI, A. V.; NEIRA, M. G. Relações entre experiências pessoais e uma educação física sensível à diversidade cultural. *Motricidades: Rev. SPQMH*, v. 1, n. 1, p. 3-16, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463.2017.v1.n1.p3-16/pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

NEIRA, M. G.; GRAMORELLI, L. C. Embates em torno do conceito de cultura corporal: gênese e transformações. **Rev. Pensar a Prática**, v. 20, n. 2, p. 321-332, 2017.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.

OLIVEIRA, M. W.; GONÇALVES E SILVA, P. B.; GONÇALVES JÚNIOR, L.; MONTRONE, A. V. G.; JOLY, I. Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, M. W.; SOUSA, F. R. (Orgs.). **Processos Educativos em Práticas Sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EDUFSCar, 2014a. p. 29-46.